

AUTO PERCEÇÃO DO ESTADO DE SAÚDE

Maria Otília Brites Zangão*

*Universidade de Évora/Escola Superior de Enfermagem S. João de Deus - otilizaz@uevora.pt

Introdução: A saúde tem a capacidade de revelar o impacto social e económico através das medidas e da lógica do investimento, ou seja, na obtenção de ganhos de saúde traduzidos em mais anos de vidas e com mais qualidade.

Objetivos: Compreender qual a percepção que a população da ESESJD tem sobre o seu estado de saúde; Correlacionar a percepção do estado de saúde da população da ESESJD com as variáveis socioeconómicas e demográficas.

Método: Estudo descritivo-correlacional de abordagem quantitativa. Dados recolhidos com base num questionário e através da versão portuguesa do instrumento de medição MOS SF-36. A população acessível foram os funcionários docentes e não docentes da ESESJD. Utilizado o *Software IBM® SPSS® Statistic (Statistical Package for Social Sciences)* versão 20. Cumprida a componente ética e legal da pesquisa em enfermagem com seres humanos.

Resultados: A amostra foi constituída por 41 participantes. Na análise dos resultados verificámos que no geral, a Componente Física apresenta valores médios mais elevados na faixa etária dos 46-50 anos (66,50), no sexo feminino (65,18), em inquiridos com o 12º ano (66,08), com um rendimento mensal entre 1501-2000 euros (65,66), sem hábitos tabágicos (65,26), com atividade física (65,19), sem doenças crónicas (65,57) e com pré-obesidade (65,26). Podemos assim verificar que a auto percepção dos inquiridos relativamente do seu estado de saúde a nível da Componente Física está acima da média para esta componente, sendo o valor máximo de 82.

Na Componente Mental em geral, os valores médios mais elevados são, na faixa etária dos 56-60 anos (52,90), no sexo masculino (50,37), em inquiridos com uma licenciatura (52,00), com um rendimento mensal acima de 2001 euros (53,37), sem hábitos tabágicos (50,02), com atividade física (50,53), sem doenças crónicas (48,41) e com pré-obesidade (50,60). Também nesta Componente a auto percepção dos inquiridos apresenta valores acima da média.

Conclusões: Analisarmos os indicadores sociodemográficos, socioeconómicos e gerais de saúde, observámos que os indicadores sociodemográficos, não obstante da importância dos restantes, influenciam significativamente a auto percepção do estado de saúde destes inquiridos.

Avaliar o estado de saúde relacionado com qualidade de vida numa população, está a tornar-se cada vez mais importante para a definição de prioridades na política de saúde. No campo da economia da saúde, é comum para avaliar o crescimento económico, nomeadamente quando a auto percepção de saúde está alta, a capacidade produtiva dos inquiridos está elevada, o que pode querer dizer que a probabilidade de absentismo ao trabalho é baixo.

Palavras-Chave: Nível de saúde; percepção; Economia da Saúde

Referências bibliográficas

- Araújo, J; Ramos, E & Lopes, C (2011). Estilos de vida e percepção do estado de saúde em idosos portugueses de zonas rural e urbana. *Acta Med Port* 2011; 24(S2): 79-88. Disponível em: <http://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/1524/1109>
- Barros, PP (2003). Estilos de vida e estado de saúde: uma estimativa da função de produção de saúde. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*: volume temático (3). Acedido em 08/12/2015. Disponível em: <https://www.ensp.unl.pt/dispositivos-de-apoio/cdi/cdi/sector-de-publicacoes/revista/2000-2008/pdfs/E-01-2003.pdf>
- Burstrom, B & Fredlund, P (2001). Self rated health: is it as good a predictor of subsequent mortality among adults in lower as well as in higher social classes? *JEpidemiol Community Health*, v.55, p. 836-840. Acedido em 29/12/2015. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1763304/pdf/v055p0836.pdf>
- Ferreira, PL & Santana, P (2003). Percepção de estado de saúde e de qualidade de vida da população ativa: contributo para a definição de normas portuguesas. *Revista qualidade de vida*. Vol. 21, Nº 2 — Julho/Dezembro. Disponível em: <http://www.sri.uc.pt/feuc/pedrof/docs/Publicacoes/AN200303.pdf>

Ferreira, PL (2000). Criação da Versão Portuguesa do MOS SF-36: Parte I – Adaptação Cultural e Linguística. *Acta Médica Portuguesa*. 13: 55-66. Acedido a 03/10/2015. Disponível em:
<http://www.actamedlcaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/view/1760/1337>